

ENTREVISTA

## Marcos Medina. Reitor da Universidade Católica de Santos (UniSantos)

# “O papel da universidade é refletir sobre os caminhos da sociedade”

ARMINDA AUGUSTO  
EDITORA-CHEFE

*A universidade não deve ter como única preocupação formar o aluno para o mercado de trabalho, mas prepará-lo para os desafios da sociedade, ajudá-lo a compreender as mudanças pelas quais passa o mundo e qual seu papel nesse processo. É assim que pensa o professor Marcos Medina Leite, reconduzido em dezembro para o terceiro período como reitor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), tornando-se assim um dos mais longevos reitores à frente da instituição (2010-2013, 2014-2017 e 2018-2021). Nesta entrevista, Medina fala do papel da universidade enquanto agente fomentador de debates, do desafio de se reinventar em uma região com cada vez mais idosos e dos grandes grupos econômicos que se formam na área, aglutinando várias instituições em torno de um mesmo modelo.*

**Oito anos como reitor até aqui. Que avaliação o senhor faz desse período e o que projeta para os próximos quatro?**

Bom, eu começo pelo final. Os próximos quatro anos vão acontecer porque alguém pediu para que eu continuasse. Foi um processo muito interessante, porque, desta vez, dom Tarcísio (Scaramussa, bispo de Santos) optou por fazer um discernimento mais longo. Ele fez uma consulta muito ampla a vários setores da sociedade. Foi um processo que durou três meses. Os quatro anos vão acontecer porque, na avaliação da chancelaria e da mantenedora, julgaram que esse meu período foi satisfatório e gostariam de contar com o meu trabalho mais um período.

**E o senhor se sente preparado para isso?**

Olha, a gente nunca pode dizer que está preparado. O desafio é muito grande. Pra você ter uma ideia, acaba de sair um pacote de medidas do Ministério da Educação que altera todo o regimento de credenciamento de cursos universitários, parâmetros, processos. E eles serão modificados novamente em março, quando o Conselho Nacional de Educação se reúne para aprovar uma minuta que muda as regras para a extensão universitária.

**Como assim?**

A extensão é uma das três dimensões de uma universidade: ensino, pesquisa e extensão. E que, lamentavelmente, por falta na história da Educação Superior no Brasil, é pouco valorizada e, algumas vezes, ignorada no processo de formação dos estudantes. Tomar isso em conta, se conscientizar da falta dessa dimensão bem trabalhada e avaliada, penso que seja um avanço. E, sendo um avanço, alterará as normas que acabam de ser modificadas. Todas essas mudanças e a necessidade de acompanhá-las e entendê-las ajudam a compreender porque não devemos dizer que estamos prontos.

**Há uma crítica forte às mudanças constantes de políticas públicas para a educação conforme a alternância de governos, o que não permite que haja uma continuidade dos processos por toda uma geração. Como lidar com isso em uma área como a Educação, onde as mu-**

**danças só são sentidas depois de anos da implementação?**

Do ponto de vista macroscópico, como política de Estado, que é o que nós desejamos, o fato fala por si: nós não temos conseguido ter a estabilidade desejada. Não se trata aqui de preferir cores de um ou de outro partido, mas, no geral, temos rupturas importantes de um desenho macro da educação que se tinha anteriormente. Se você pega por exemplo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), de 96, ela modifica substancialmente o desenho da educação nacional. Existem tópicos da LDB que só foram regulamentados há um ano. A própria característica de universidade comunitária, prevista na LDB, aguardou regulamentação até 2013 e ainda demandou outras regulamentações em 2015, 19 anos após a LDB. Nem sempre a descontinuidade ou a ruptura vem de uma norma diversa, mas o fato de não dar sentido a uma norma já existente também nos cria uma dificuldade.

**Qual é o projeto da UniSantos, o DNA da universidade?**

Bom, temos uma instituição católica, então, todo projeto nasce de um documento escrito por São João Paulo II, de 1990, a Ex Corde Ecclesiae, “do coração da Igreja”. Ele ratifica a ideia sobre o valor da educação como espaço primordial para o desenvolvimento da fé, o sentido de atuação no mundo, espaço que a Igreja jamais deve descuidar. Nesse sentido, todas as obras no campo da educação devem responder aos desafios de evangelização, mas também num diálogo permanente com todos integrantes de outras religiões, culturas.

**Em termos práticos, o que isso significa?**

Nesse desenho, naturalmente surge em torno das instituições católicas uma proposta grande em trabalhar o social, as prioridades que levem ao resgate das pessoas, à promoção humana, à dignidade. Ao longo desses 66 anos de trajetória, ela se confundiu um pouco com tudo isso. E onde os conselhos municipais querem se reunir, onde se espera viver uma discussão ampla de diversos assuntos, enfim... E a temática deve ser trazida independentemente da fé de cada um. Porque é nessa diversidade que se trabalha a argumentação. Se os assuntos são evitados, as questões fundamentais também, e deixa de haver eco para a mensagem que a catolicidade quer. Aqui se discutem aborto, homossexualidade, suicídio, política... Esse é o desafio permanente da universidade católica: a busca da verdade em diálogo com a verdade já revelada.

**Há uma percepção de que a UniSantos mantinha mais projetos sociais, comunitários, especialmente em locais carentes da região. Houve um contingenciamento desses projetos ou é uma impressão?**

Isso não aconteceu. A UniSantos é uma universidade católica com forte comprometimento social e isso está desenhado ao longo da nossa história. O que aconteceu é que tivemos uma alteração sobre a extensão universitária e o que ela representa. Eu não diria que diminuiu, mas que se transformou. Hoje temos diversas frentes de atuação comunitária, nas áreas jurídica, psicológi-



“No meio dessa sociedade toda, com mil atores, o nosso papel é o de propor uma reflexão sobre se o caminho é esse, sobre se haveria outro a seguir”

ca, de atenção aos refugiados, enfim, uma infinidade de ações em que há atuação forte de professores e alunos. Isso é exatamente o que se vai discutir em março, a extensão universitária curricularizada. O que temos feito nos últimos oito anos foi fazer que a extensão deixasse de ser uma atividade genérica pouco caracterizada para a área de formação de determinado curso, para uma experiência que pudessem ser vinculada a essa formação de uma maneira bem específica.

**Há, também, uma exigência de número mínimo de bolsas de estudo.**

Sim, e as mudanças implementadas em 2015 fizeram com que as instituições beneficentes sofressem um grande abalo. Até 2014, para sua instituição ter a certificação de entidade beneficiária de assistência social, precisava ter um conjunto de bolsas e um volume de serviços que viessem representar 20% da sua renda bruta. A partir de 2015, o modelo mudou, e só o que passou a contar foi o número de bolsas de estudo oferecidas. Todos os demais serviços não contam mais nada: a clínica de psicologia, o restaurante escola, o juizado... Nada mais representa para a certificação social. Temos que aumentar em 70% o número de bolsas, mas optamos por manter todos os serviços so-

ciais de extensão. E por quê? Porque eles já estão incorporados à formação do aluno, são importantes, portanto. Foi uma decisão institucional.

**Estudos recentes da Fundação Seade e do IBGE apontam para uma Baixada Santista com cada vez menos jovens entre 18 e 24 anos, e cada vez mais idosos acima dos 60. Isso preocupa a universidade de alguma forma?**

Preocupa em que sentido?

**No sentido de quem serão os frequentadores da universidade no futuro em uma região em que está diminuindo o número de jovens. E também no sentido de mercado de trabalho: os cursos oferecidos aqui atenderão o perfil dessa Baixada?**

Todas essas questões são pertinentes. No aspecto demográfico, não há dúvida de que, com a redução da faixa etária jovem, temos uma pressão natural sobre todas as instituições que estão aqui posicionadas. Se somarmos a isso o desenho da educação a distância, quebraamos um pouco essa fronteira. Com a redução do público, é claro que os cursos que estão estruturados para os jovens vão sofrer, é natural. A concorrência se torna maior. Eu acredito que o que vai diferenciar são a qualidade do curso e as características de cada universidade.

**E sobre o mercado de trabalho para essa nova Baixada?**

O mercado de trabalho é um desafio. Alguém que entra hoje para fazer qualquer curso se defrontará com um mercado daqui a quatro ou cinco anos e uma realidade diferente da que temos hoje. Não temos a menor ideia do que mudará na perspectiva daquele mercado, se teremos alguma ação disruptiva, uma nova tecnologia.

**Diante da transformação que a tecnologia está promovendo, o senhor diria que a universidade acompanha essa velocidade ou demora a responder a essas novas demandas?**

Se eu disser que sim, poderá ser um tanto inconsistente. Quem é que propõe as mudanças? Normalmente, elas surgem de pequenos grupos de universitários, das mais variadas áreas. Então, dizem que sim, que demora, eu também diria que deva demorar mesmo...

**Para deixar se consolidar primeiro?**

Não, para refletir sobre o que essa mudança representa. A razão pela qual a universidade não é uma organização como qualquer outra, e sim uma instituição, é porque ela deve olhar para a sociedade com o papel de questioná-la sobre seus métodos, absorver dela o

que considera muito oportuno, trabalhar e refletir, e depois oferecer um olhar novo da experiência que aquela sociedade está vivendo. O papel da universidade é refletir permanentemente sobre os caminhos da sociedade.

**Então o mercado de trabalho não é destino final?**

Veja, o mercado de trabalho é o hoje, mas a universidade deve preparar para a vida inteira. Ela pode dominar determinada tecnologia de informação, mas, se ela não tiver uma fundamentação relativamente ampla, terá dificuldade de lidar com o novo e adequar-se a ele. A universidade precisa gerir esse processo, refletir, conhecer esse processo. Se ninguém refletir sobre o caminho que se vai construindo, nós estaremos como egos tateando e apenas seguindo as experiências palpáveis.

**Pensando em acesso de alunos carentes ao Ensino Superior, o senhor considera mais adequado abrir novas universidades públicas e ampliar a oferta de vagas ou aumentar os recursos federais, como o Proni, para bancar esse público em instituições particulares?**

Os dois modelos são absolutamente válidos. O que não pode acontecer é o que está acontecendo hoje. Existem no Brasil algumas empresas de educação com ações em bolsa. Duas delas conseguem reunir, com todo seu leque de instituições, 25% do total de alunos da Educação Superior brasileira. Uma empresa com ação em bolsa está sujeita a um processo especulativo. Imagine que, de uma hora para outra, essa instituição tenha um problema na bolsa por interpretações de analistas sobre seu desempenho com as ações... Isso pode levar a uma variação no preço da ação que coloca em risco o negócio. E nós estamos fazendo, em 1,5 milhão de alunos. Esse modelo representa aqui a quatro ou cinco anos e uma realidade diferente da que temos hoje. Não temos a menor ideia do que mudará na perspectiva daquele mercado, se teremos alguma ação disruptiva, uma nova tecnologia.

**Mas o que está errado: ter se transformado em um grande negócio, ter ações em bolsa, centralizar muitos estudantes em um único grupo... Onde está o erro?**

Eu respondo assim: por que existe um Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica)? Exatamente pra evitar esse tipo de aglutinação que pode colocar em risco sistêmico uma operação. No caso, uma operação educacional, que pode comprometer o processo concorrencial, que pode representar um risco às pessoas e ao que a educação significa. Então, não se poderia permitir que uma instituição assumisse tal dimensão, com uma pedagogia centralizada, uma abordagem unificada. Isso é um risco para o País, independentemente do risco econômico. Essa concentração inibe a diversidade, sem a qual não existe universidade, não existe educação. É preciso ser diverso.

## **Universidade deve preparar para desafios da sociedade**

Reconduzido, no mês passado, para o terceiro período como reitor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), o professor Marcos Medina Leite é um dos mais longevos reitores à frente da instituição. Em entrevista, ele fala sobre o papel das universidades enquanto agentes fomentadores de debates e os desafios da atividade acadêmica. **A-7**